

MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO ESTUDANTIL SECUNDARISTA: NARRATIVAS VISUAIS/AUDIOVISUAIS TECIDAS EM PÁGINAS DO FACEBOOK

Raquel Silva Barros¹⁹

Resumo

O presente artigo visa a investigar os sentidos que os jovens de escolas secundaristas do Estado do Rio de Janeiro conferem através da escolha pela criação de páginas no *Facebook* onde estabelecem narrativas através de vídeos e imagens no contexto do movimento de ocupação. Que fios estabelecem por meio da produção dessas narrativas em um cenário onde não apenas o físico, mas o virtual se entrelaçam? Interpelamos por uma busca ao termo ocupação bem como o sentido de espaço que se apresenta em seu plano físico e virtual já que os movimentos de ocupação tiveram como pano de fundo articulações comunicacionais mediadas por Redes Sociais digitais. Identificamos a importância das diferentes singularidades que tecem/compartilham/visualizam narrativas audiovisuais estabelecendo um grande emaranhado.

Palavras-Chave: Ocupação Secundarista. Narrativas. Espaço. Redes Sociais.

SECONDARY SCHOOL OCCUPATION MOVEMENT: VISUAL/AUDIOVISUAL NARRATIVES ON FACEBOOK PAGES

Abstract

This article aims to investigate the meanings that the students of secondary schools in the State of Rio de Janeiro confer through the choice by creating pages on Facebook where they establish narratives through videos and images in the context of the occupation movement. What threads do they establish through the production of these narratives in a scenario where not only the physical but also the virtual intertwine? We call for a search for the term occupation as well as the sense of space that presents itself in its physical and virtual plane since the occupation movements had as background communication articulations mediated by digital Social Networks. We identify the importance of the different singularities that weave / share / visualize audiovisual narratives establishing a great entanglement.

Keywords: Secondary Occupation. Narrative. Space. Social Networks.

Introdução

¹⁹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) vinculada à linha de pesquisa Políticas e Práticas em Educação e Professora das Séries Finais do Ensino Fundamental nas Secretarias Municipais de Educação da cidade do Rio de Janeiro e Mesquita. E-mail: rachelbarros@yahoo.com.br

No final do ano de 2015, iniciava-se a primeira de muitas ocupações estudantis secundaristas que, em pouco tempo, tomaram conta de diversas escolas pelo país. O Estado de São Paulo tornou-se cenário do movimento neste primeiro momento. O projeto de reestruturação escolar proposto pelo Governo previa o fechamento de cerca de duzentas escolas, e a reorganização de diversas unidades, resultando em uma mudança na rotina de, aproximadamente, 300.000 estudantes.

Irradiando para outros Estados, o movimento de ocupação escolar ocorreu em meio à divulgação de projetos de leis e ações manifestadas pelos governos de cada região. O movimento teve uma proporção tão forte que em seu ápice, somente no Estado do Paraná, mais de mil escolas registraram ocupações. Com diferentes demandas e reivindicações, as pautas baseavam-se em melhorias na situação estrutural, condições mínimas para funcionamento, temas pedagógicos atravessados por questões políticas diversas que vem sendo alteradas e impostas.

Pensando no jovem junto ao seu smartphone, que o prende, mas que ao mesmo tempo o solta, que o liberta e o escraviza, que acende a busca pelo novo, renovado ou já arraigado, este que mais parece um chip de identificação, com suas personalizações em cores, formatos, tamanhos, que sim, tem a feição de seu possuidor, não se trata de apenas um dispositivo móvel, mas de um artefato que o faz transgredir limites e barreiras geográficas. Como não atentar para seu olhar a partir da tela de sua câmera, com seu enfoque impulsivo e atravessador, que invade, que não só observa, mas registra, que sente a necessidade de expor, de comentar, de assistir.

Não apenas os jovens ocupantes, mas eu, pesquisadora, que aqui escrevo utilizo dispositivos móveis para acompanhamento do que vinha sendo publicado nas páginas e diálogo com os sujeitos. Não só smartphones, mas câmeras fotográficas, notebooks eram utilizados como artefatos tecnológicos, onde os mais diversos tipos de interações eram realizados tanto nas ocupações, quanto na produção desta escrita.

É inegável a potencialidade oferecida pelo smartphone diante de suas inúmeras possibilidades, por diversas funções agregadas em um só lugar, dentro de seu pequeno tamanho. Este que me permite, através do aplicativo *Facebook* instalado, verificar as notificações que se apresentam e me convidam a navegar nas nuances estabelecidas. Me permite entrar em contato com os sujeitos através dos aplicativos

de mensagens instantâneas *Messenger* e *WhatsApp*, realizar gravações de voz utilizando outro aplicativo ao me encontrar com os sujeitos presencialmente, bem como fazer um *print* da tela que observo e me interessa, ouvir uma gravação, assistir a um vídeo realizado, fazer upload dos dados coletados em um ambiente de armazenamento digital online, utilizar o localizador para chegar até a escola ocupada, dentre tantas outras ações que, integradas, perfazem o conjunto das atividades que permitem a escrita desta produção textual. Fatores semelhantes se apresentam aos jovens ocupantes com posse desses artefatos em mãos.

É evidente a possibilidade de (re)criação, (re)produção e, por conseguinte, a possibilidade de distribuição de conteúdo potencializada a partir de um ambiente cultural pós-massivo como aponta Lemos (2006). Compreende-se que a relação do sujeito com as novas tecnologias e, conseqüentemente, seus produtos e processos, seja como um movimento de retroalimentação, onde as tecnologias são "realizações históricas, resultado de complexos embates políticos, dominação econômica e realização cultural" (FILÉ, 2011, p. 42).

O movimento de ocupação surge então apresentando-se como um contraponto discutindo e influenciando nas políticas públicas a partir do contato *peer-to-peer*. Essa forma de atuação que se apresenta de forma ampla, também pode ser observada a partir das narrativas que os jovens expõem na rede. Compartilhando relatos, imagens, criando *memes*, produzindo vídeos, os jovens ocupantes e/ou participantes de comunidades online enredam e dão vida aos acontecimentos que se dão no plano físico e virtual. As informações veiculadas, então, interagem estabelecendo conexões que vão além da ocupação física do espaço simbólico - a escola.

Pensando nesses laços, a pesquisa apresentada nesse texto, tem como objetivo compreender os sentidos que os jovens ocupantes de Escolas Secundaristas do Estado do Rio de Janeiro atribuem através da escolha pela criação de páginas no *Facebook* como forma de estabelecer narrativas através de imagens e vídeos no contexto do movimento ocorrido no ano de 2016. Registrando e publicando imagens e vídeos através de seus smartphones, que laços estariam os jovens estabelecendo no

contexto de uma ocupação onde não apenas o presencial mas o virtual se destaca nesse cenário?

Em seu contexto maior de investigação, a pesquisa de doutorado que vem sendo tecida investiga o contexto de três escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro. Para a composição deste artigo, optamos por fazer um recorte destacando diálogos realizados em uma escola acompanhada localizada na Zona Norte da cidade. Os diálogos tecidos com os jovens se deram após o período de ocupação. Como aporte metodológico, etnografias vem sendo construídas no decorrer da pesquisa buscando contribuições onde a netnografia e a etnografia face a face se encontram formando uma tessitura que vem a enriquecer o trabalho realizado.

Ocupando os espaços, estabelecendo elos

Assim como ocorreu na praça Tahir, no Egito, no Occupy Wall Street em Nova Iorque, nos Indignados na Espanha, no Movimento Passe Livre no Brasil e em diversos lugares do mundo, as ocupações estudantis secundaristas que vem ocorrendo desde o final de 2015 com força em nosso país, tem como pano de fundo um espaço de mídia, onde convergem-se imagens, vídeos, áudios, textos e outros recursos com narrativas que descrevem os acontecimentos, viabilizam ações e discutem-se possibilidades e desafios.

Assistimos, hoje, a uma retomada do sentido do termo ocupação, em que o anseio dos ocupantes é ter o controle do espaço, ainda que por um curto período. Deste modo, diversas pessoas ocupam esses locais fazendo uma nova organização do espaço com seu corpo. Para Malini, os movimentos de ocupação

servem como métodos de resistência para tomada de um local ou estabelecimento no tensionamento contra um adversário específico por um determinado período de tempo. São exemplos de políticas prefigurativas, em que não há diferença entre o que se busca e a forma como se busca. As ocupações são meticulosamente executadas e não são manifestações desprovidas de planejamento (2016, p. 53).

Tendo como espaço de luta ambientes físicos e virtuais, Castells aponta para uma conexão entre a “mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional tornou-se possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano” (2013, p. 56).

Os ambientes físicos compreendem as escolas em que os alunos utilizam para demarcar simbolicamente suas lutas, fazendo deste espaço ‘moradias’ provisórias com o objetivo de demonstrar para a sociedade e o poder público que aquele espaço lhes ‘pertence’. São lugares com movimentos marcados pela ação do tempo e trajetória, já que, aqueles alunos que ali estudam passarão um período de suas vidas e ano após ano darão lugar a outros ingressantes.

Já os ambientes virtuais, são espaços em que eles, normalmente já transitam, porém, neste sentido das ocupações, com um viés de luta. Abre-se, então, um ambiente a mais ou utilizando espaços já transitados por eles para que possam expor suas demandas, comentar, discutir e tomar decisões. A dinâmica de ações que atravessam esses lugares ocorre de forma concomitante. Estes espaços físicos e virtuais já são visitados, permeados, habitados normalmente, independentemente de qualquer movimento. Porém, ao se falar em ‘ocupação’, depreende-se que algum movimento com algum tipo de motivação com tema instigante esteja em pauta.

Para entendermos melhor o que caracteriza o termo, recorreremos rapidamente à noção de lugar que “refere-se à demarcação simbólica de espaços, atribuindo a eles, a partir de relações estabelecidas, noções de pertencimento e identidade, orientando ações sociais e sendo por essas delimitadas reflexivamente” (HAMANN et al., 2013, p. 22).

Ao pensarmos no conceito de espaço, remetemo-nos ao plano físico onde podemos estar presentes de forma que visivelmente nos percebemos ali e podemos estabelecer relações físicas como um toque. Porém ao analisarmos o espaço virtual, depreendemos que a presença também pode ser percebida, bem como diversos elementos de interação e comunicação podem ser estabelecidos. Porém, há também a possibilidade de não ser visto pelo outro, mas nunca inerte na rede, já que todas as

ações que desempenhamos são traçadas, formam e fazem diferença ao se pensar em conexões de rede de uma forma mais ampla.

No *Facebook, My Space, Orkut, LinkedIn, Xing, Pulse* ou nos milhares de comunidades criadas através de softwares livres, nos meios de comunicação social – como NING, indivíduos constroem redes de contatos, de amigos, e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de marketing e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos (LEMOS; LEVY, 2010 p. 12).

A possibilidade do estar junto, presente fisicamente, reforça as relações de contato entre os pares. Ainda que possamos estabelecer relações de comunicação, transpassando sentimentos e anseios, o contato físico não pode ser substituído e isso se reflete em todas as relações. Nas relações de ocupação em que o sujeito está ali, fisicamente, preenchendo um determinado espaço no lugar, como a escola, essa relação expressa uma maneira de estar presente que transpassa os limites que o virtual não comporta.

Os lugares de trânsito, como aeroportos, praças, estações de trem, supermercados e bancos, podem parecer lugares onde as pessoas estabelecem pouca ou nenhuma relação. São lugares caracterizados por autores como Marc Augé (1994) como ‘não-lugares’, onde os fluxos financeiros e políticos alteram nossa percepção de tempo e dimensão espacial. A velocidade excessiva, hábitos de consumo e geração de informação estariam nos levando a um individualismo exacerbado.

De fato, ao analisarmos de perto todos esses ambientes, veremos que relações simbólicas acontecem ali, uma vez que os prestadores de serviço e as pessoas que ali transitam expressam sentimentos e desejos ao estarem naquele ambiente.

Este movimento de registrar e apoderar-se do espaço urbano, transformando-o em lugar, está intrinsecamente ligado a esta memória dos acontecimentos, no exercício de atribuição de sentido e significado aos acontecimentos vivenciados nos espaços. Os locais de circulação, de encontro, de manifestação, colocam-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais, conflitos, transforma o espaço em artefato cultural, em linguagem urbana (HAMANN et al., 2013, p. 24).

A comunicação que estabelecem pode se dar de forma mais ou menos ampla, mas o fato é que, ao se comunicarem, elas pertencem àquele lugar de alguma forma. Ao frequentarmos o mercado do bairro, o açougue ou a farmácia, desejamos retornar, ou não, podemos procurar outro local por afetividade, relação econômica, etc. Ao pensarmos nos movimentos de ocupação, estes espaços parecem elucidar estas relações afetivas de outra forma com maior constância e comprometimento. “Os ‘ocupas’ fomentam uma apropriação não apenas física, mas também simbólica de praças e ruas, estabelecendo novas relações ao afirmar identidades no convívio entre o indivíduo, o grupo e as possibilidades de “ser” na cidade atual” (HAMANN et al., 2013, p. 22).

A Fanpage como espaço de diálogo

Realizando filmagens, publicando fotografias, editando vídeos, escrevendo depoimentos, fazendo comentários, montando cartazes, criando *memes*, gravando áudios, alunos de escolas secundaristas, em geral um público jovem, realizam suas narrativas sobre o que acontece diariamente nas ocupações. Ao publicarem na rede, os autores dessas narrativas transformam-se em midialivrista, ou o hacker das narrativas como aponta Malini, onde são capazes de “rivalizar, subverter, contrapor com diferentes estratégias as narrativas produzidas pelos grandes conglomerados de comunicação” (2013, p. 12). Essa forma de atuação em rede baseia-se na prática de “*hackeamento*” sendo uma estratégia utilizada por grupos e redes onde realiza-se inovações em sistemas de computadores auxiliando na troca de informações e criação de outras comunidades utilizando o diálogo como forma de colaboração para além da resistência.

Pretto (2010) salienta a ideia de produção colaborativa e compartilhada com sua forma de atuação que vem se desenhando desde o século passado com o desenvolvimento da computação. Códigos abertos e *softwares* livres, desde então possibilitaram uma gama de conhecimentos que alavancou os caminhos da ciência da computação. A linguagem binária que possibilita o digital, não nasceu apenas de um planejamento e estudo horas a fio dentro de um laboratório em uma Universidade. Como aponta Pretto, estudantes se reuniam também em garagens e porões de suas

residências supervisionados ou não por seus professores. Confeccionando suas primeiras máquinas pessoais, “boa parte desse movimento tinha como princípio uma intensa lógica de partilhamento, inerente à própria cultura daqueles que passaram a ser conhecidos como hackers” (Ibid., p. 311).

Os grupos que se articulavam para trabalhar no desenvolvimento de artefatos tecnológicos sustentavam as bases de suas empreitadas em seis princípios que norteiam o código de ética hacker, tais quais (LEVY, 2001 apud PRETTO, 2010): primeiro, acesso total e ilimitado aos computadores; segundo, toda e qualquer informação livre; terceiro, procedimentos pouco burocráticos; quarto, julgamento dos hackers a partir de suas qualidades em seus trabalhos; quinto, articulação entre arte e os artefatos; e, sexto, fazer a vida melhor com isso.

Foi com esse conjunto de elementos éticos que os hackers trabalharam (e isso nos inspira a pensar nas necessárias transformações na educação!) de forma coletiva e aberta, criando os computadores, expandindo as redes de computadores e promovendo o nascimento da Internet (PRETTO, 2010, p. 312).

Pretto aponta para a ideia de uma ampliação das características da atividade hacker para o campo da educação, assim como também ressalta Peka Himanen, citada por ele, onde indica uma ampliação desse sentido em “todos os campos da atividade humana” (Ibid., 2010, p. 312-313). Diante disso, emergem possibilidades de se pensar em pedagogias, como aponta o autor, e aqui em especial

pedagogias que tenham na hipertextualidade, possibilitada pela cibercultura, o fortalecimento de uma rede não-linear de diferenças. As transformações necessárias apontam para um ritual de passagem da porta da sala de aula que represente o fortalecimento do “eu” e a aprendizagem da convivência com a diferença. Assim, quando essas diferenças existirem e formarem parte viva dos processos, perderá sentido a porta da sala de aula, uma vez que, através das redes e conexões, o diferente estará interagindo com o de dentro e com o de fora, instantânea e constantemente. O que vai importar será exatamente esse movimento de interação e troca (Ibid., p. 314).

Entrelaçando-se nas redes, mergulhando nos espaços presenciais e virtuais, investigando, observando, comentando, é possível costurar-se nas páginas publicadas no *Facebook* das escolas ocupadas buscando perceber suas nuances e hiperlinks.

Realizando uma busca através do *Facebook* sobre páginas de escolas ocupadas, tivemos acesso à página @OcupaMendes, que seria a página ‘oficial’ da ocupação da escola Mendes de Moraes, localizada na Ilha do Governador no município do Rio de Janeiro, por sinal, a primeira escola das escolas estaduais ocupadas em 2016.

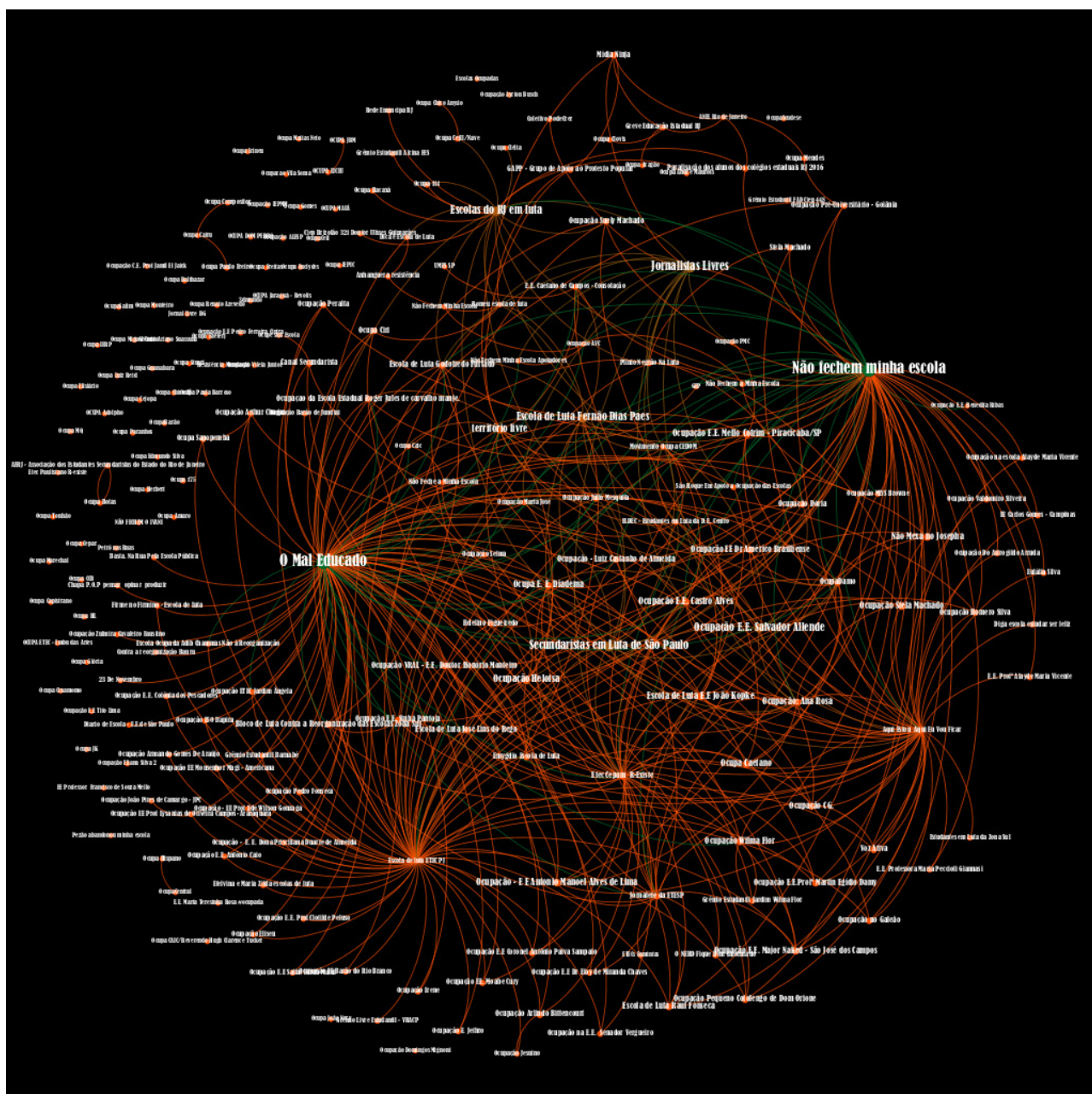
Sem precisar fazer uma outra busca, dentro desta mesma página acessada, podemos ter acesso ao @EscolasRJemLuta, que se trata de uma das centrais das escolas ocupadas no Estado. Acessando essa última fomos direcionados a outra, e outra e mais outra. Uma infinidade de páginas. Uma infinidade de links.

Percebemos que há várias páginas criadas pelos jovens dessas escolas no *Facebook*. Uma acaba por se relacionar à outra e assim podemos ter uma dimensão da quantidade de páginas existentes a partir de assuntos relacionados.

Clicando no link da página que mais interessa, o navegante pode ter acesso não só àquela página mas a uma infinidade de links que se conectam. E a partir daí, tem-se o grafo abaixo que Fabio Malini publicou em maio de 2016 e uma introdução que ele tece como podemos ver a seguir:

No grafo é possível ver qual página segue qual página. As páginas “Não fechem a minha escola” (205 mil fãs) e a “Mal Educado” (75 mil fãs) são as duas *fanpages* mais seguidas pelos Ocupas. Ambas funcionam como uma central única midiativista dos secundaristas, distribuindo com mais rapidez informações para um público mais diversificado. Com a entrada em cena das ocupações estudantis no Rio de Janeiro, a página “Escola do RJ em Luta” (37 mil fãs) se tornou a principal fonte de notícias no radar das escolas ocupadas cariocas. Essas três páginas, junto com Jornalistas Livres (382 mil fãs) e Mídia Ninja (750 mil fãs), formam as páginas com mais seguidores presentes no *feed* do movimento #OcupaEscola (MALINI, 2016).

Figura 1 - Rede de páginas do movimento #Ocupatudo que se seguem no Facebook



Fonte: <<https://medium.com/@fabiomalini/o-ecossistema-s%C3%B3cio-midi%C3%A1tico-do-ocupatudo-cf589a0781af>> Acesso em 20 abr 2018

Dentre todas as escolas que aparecem nesse mapa, percebemos que algumas estão localizadas no Estado do RJ como o @OcupaBacaxá, @OcupaMauá e @OcupaGomes, e também podemos ver que elas estão emaranhadas com várias outras escolas ocupadas de outras regiões do país. Esse emaranhado de nós se cruzam e se integram numa grande rede. Este é um exemplo dos rastros que deixamos ao

curtir, comentar, compartilhar ou seguir uma determinada página ou ter acesso a um link na rede social do *Facebook*. Vamos deixando rastros que constroem a nossa rede.

Esses rastros puderam ser registrados em mapas como esse a partir das narrativas estabelecidas por aqueles que navegam na Internet. Uma narrativa é caracterizada justamente por fatos, acontecimentos ou uma cadeia de fenômenos relatados em um universo onde constituem-se personagens de uma situação real ou imaginária. Nos protestos ocorridos em 2013, por exemplo, o Mídia Ninja fez a cobertura das manifestações que aconteceram em diversos Estados através de narrativas realizadas colaborativamente.

Essas produções, independentes, utilizaram a rede de Internet para divulgação de imagens, vídeos e relatos a partir daqueles que estavam nas ruas. Os *streamings*, tecnologia que faz o envio de multimídia através de transferência de dados, popularizaram uma forma de estar a par de acontecimentos sem necessitar da mídia oficial para fazer sua transmissão.

A Mídia Ninja fez emergir e deu visibilidade ao “pós-telespectador” de uma “pós-TV” nas redes, com manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de “ninjas” e midialivristas em todo o Brasil (MALINI, 2013, p. 15).

As páginas das escolas ocupadas possuíam características semelhantes. A publicação veiculada se destaca exatamente pelo conjunto que a representa a partir de sua legenda, linguagem audiovisual trazida na postagem e/ou nos comentários tecidos pelos que visualizam a informação. O público que lê uma publicação na página, atenta-se, também, aos comentários realizados pelos participantes que muito dizem sobre o que está sendo veiculado. Os relatos do que cada um vivencia, publicados a partir de seus perfis pessoais, trazem à cena os protagonistas daquela situação. Ao serem vistas e compartilhadas por aqueles que navegam na página, as publicações dão legitimidade às ações que acontecem no plano físico e virtual, formando, assim, uma teia de conexões fluidas que se integram e dão vida ao movimento.

De fato, a *fanpage* criada pelos jovens ocupantes torna-se o canal oficial para que se possa entrar em contato com os ocupantes. Ao atentarmos para uma

publicação realizada na página, percebemos os comentários estabelecidos abaixo, as curtidas, os sujeitos que fizeram parte daquela trajetória estabelecendo elos com a publicação da página. A publicação que se faz naquele ambiente, surge com o nome da página da escola e não através de um sujeito único que esteja participando daquela publicação.

O que é publicado representa todos aqueles que ali participam do movimento. Essas narrativas se engendram às narrativas pessoais, onde o nome de cada usuário aparece, formam um todo, uma multiplicidade de vozes onde as intertextualidades se ligam e se misturam aos links e situações publicadas. Essas narrativas formam um grande tecido através de textos, imagens e vídeos que contam um pouco da história da ocupação nas *fanpages* de cada escola.

Narrativas ou histórias sempre foram muito importantes para manter as pessoas unidas em uma organização, pois elas podem exprimir o sentido de identidade e pertencimento – elas são capazes de dizer quem somos, porque estamos juntos e o que nos faz diferentes dos outros. Elas podem igualmente comunicar um sentido de causa, propósito e missão, exprimindo objetivos, métodos e disposições culturais – o que acreditamos, o que queremos fazer e como. A história certa pode manter as pessoas conectadas à rede que por sua flutuação não consegue antecipar a defecção. Pode, também, gerar pontes entre diferentes redes e a percepção de que o movimento tem um momento vitorioso (Ibid., p. 74).

Funcionando como uma mídia alternativa onde as informações eram veiculadas pelos próprios sujeitos presentes/participantes do movimento, a criação das páginas foi fundamental para divulgação e compartilhamento das ações.

Para a pesquisa, investigamos o contexto de três escolas ocupadas através da Internet e por meio de conversas realizadas face a face com os sujeitos. Uma delas, Técnica Federal localizada na Baixada Fluminense, no município de Seropédica, e outras duas localizadas em bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Não buscamos nos ater apenas na observação das publicações realizadas nas páginas e diálogos online, mas em estabelecer interações através de conversas de forma presencial, indo até os locais onde os jovens estavam como forma de estreitar os laços com os sujeitos da pesquisa e perceber elementos que o virtual não oferece. Desta

maneira, mergulhados em um híbrido, optamos por reconhecer o caminho da pesquisa atravessado por etnografias.

Kozinets (2014) nos enuncia que o fazer etnográfico permite que o pesquisador analise - um grupo e tenha condições de compreender um fenômeno social. A etnografia fornece “um senso de experiências vivida pelos membros da cultura assim como uma análise fundamentada de sua estrutura, como ela funciona e, como ele se compara a outros grupos” (KOZINETS, 2014, p. 58).

Kozinets aponta para a existência de etnografias que em si seriam práticas assimilativas em que estão interligadas a outros métodos, muitos dos quais seriam nomeados separadamente, tais como análise de discurso, análise visual, observações. Esta forma de adaptação ou bricolagem caracterizaria a etnografia de acordo com Kozinets sendo sua abordagem “continuamente remodelada para satisfazer determinados campos de saber, questões de pesquisa, locais de pesquisa, tempos, preferências do pesquisador, conjuntos de habilidades, inovações metodológicas e grupos culturais” (Ibid, p. 61).

Optando por não aferir um peso maior à etnografia em contexto presencial ou em contexto *online*, mas uma triangulação que se completa, assumimos esse caminho como possibilidade de trabalho contínuo da pesquisa de doutorado em andamento.

Para o contexto deste artigo, costuramos parte das conversas estabelecidas em uma das escolas onde tecemos diálogos com os sujeitos. Em suas falas, percebemos o peso atribuído em relação à utilização da Internet no processo de ocupação. Eles ressaltam o *Facebook* como um canal onde eles poderiam se comunicar.

Pesquisador(a) - Vocês possuem a página no Facebook? Ela é eficaz?

A - É sim...muita gente se comunica.

C - Eu lembro que ano passado a gente teve... fizemos, assim que eu entrei, os terceirizados estavam sem salário durante três meses e aí eu e um grupo de alunos falamos - Ah, vamos fazer uma campanha de arrecadação de alimentos, e aí a página serviu muito tipo ... a assembleia que a gente fez. O refeitório estava entupido e a gente fez um vídeo de sei lá... dois minutos ...teve 8 mil visualizações...

Pesquisador(a) - E vocês tem outra página sem ser o (página X)?

A - Tinha a (página Y). Foi a primeira página oficial em relação à ocupação da escola mas tipo... como no começo a gente... estava aquele negócio de impulso e a gente não precisava dessas coisas, era

meio parada mas quando a gente queria fazer um informativo de hoje teremos tal coisa no colégio a página foi essencial...

Confirmando em suas falas com o que vinha sendo observado nas publicações realizadas nas páginas, o *Facebook* é compreendido, então, como “uma mídia social, por meio da qual é possível constituir redes sociais” (SCHLEMMER, 2014, p. 78). Essa conversa que se desenvolve nessa rede se mantém não apenas com o grupo de pessoas que ali estavam presentes no processo de ocupação mas através de um diálogo aberto com o público.

Pesquisador (a) - Por que vocês criaram uma página?

A - Criamos por conta de ... para mostrar que não era uma bagunça. Porque tinha gente que falava: - Ah, é uma bagunça e eles vão lá só para bagunçar o colégio. Não!

E - Falavam que era para bagunçar e se divertir e na verdade não era nada disso, é mentira! (...)

O povo achava que a gente curtia, jogava bola. Mas não, a gente fazia um planejamento. Na madrugada a gente trocava, vamos supor: Eu ficava de duas da manhã até oito da manhã rondando a escola e aí trocava o pessoal na outra noite. E assim a gente ia e postava na Internet porque o povo colocava que a ocupação na escola era uma bagunça mas na verdade não era nada disso.

O processo de escolha do *Facebook* como local onde as imagens e vídeos produzidos eram ali publicados tem como fator de forte influência a questão da ampla visualização possibilitada pelo ambiente. Através deste veículo, amplamente disseminado e utilizado em nossa sociedade, eles tinham a possibilidade de expor denúncias, se comunicar, compartilhar sentimentos e angústias bem como solicitar auxílio ao movimento. A página ajudava a reforçar a identidade do movimento e dava credibilidade ao que estavam fazendo através de divulgação das ações que estavam sendo feitas. Nas palavras dos ocupantes:

C- É por exemplo a página do 'Z' tinha sei lá... 16.000 curtidas, você via que a mídia mostrava um lado e pelas páginas a gente mostrava que era outro.

E também, a Secretaria de Educação não abria para o diálogo. Ficamos lá, tipo uns três meses no período da ocupação e não tinha um diálogo. E eu acho que página serviu para isso também, para mostrar que a gente tinha reivindicação e o secretário não estava querendo negociar. Então servia muito para isso, para a gente expor a nossa pauta.

Pesquisador (a) - Sem a página vocês acham que a ocupação tinha seguido mais à frente?

A - Não. Sem a página, não mesmo! Acho que duraria um mês, um mês e meio no máximo.

Pesquisador(a) - E chegou a...

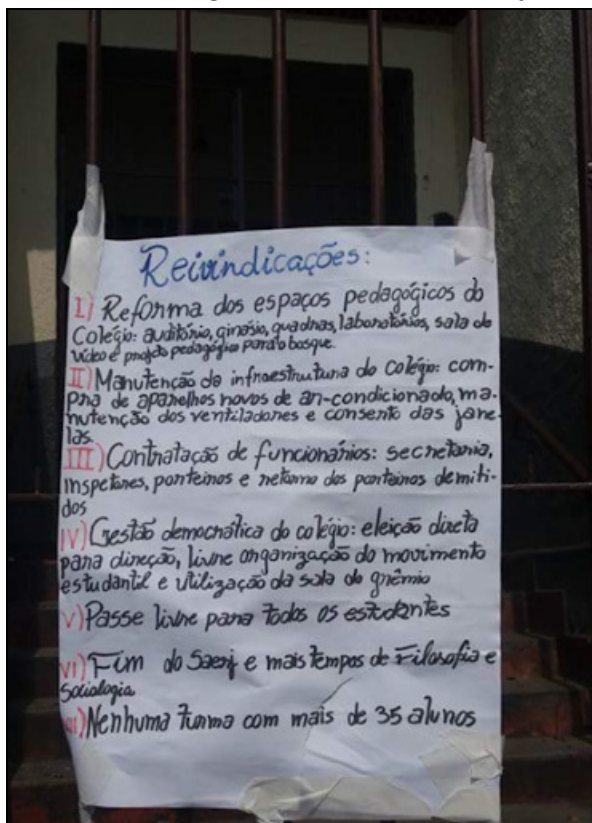
A - Três meses... Beirando quatro.

Essa forma de interlocução que eles buscam através da relação daquele que está presente nas ocupações junto àqueles que navegam pelas interfaces de suas páginas, dialoga com o que Castells define como comunicação. Esse processo, segundo ele, constitui um compartilhamento onde a troca de informações opera com o objetivo de partilhar significado. Esse processo de produção social de significado encontra no espaço público a possibilidade de comunicação socializada.

Tecendo suas narrativas nessa rede social *Facebook*, os jovens ocupantes encontram uma maneira de tornar pública as ações registradas e publicadas nessas páginas. A opção pela visualização ampla de qualquer usuário que tenha acesso à rede e a esses conteúdos, sem dúvidas expõe as demandas às quais eles predispõem a serem visualizadas. O encurtamento da distância entre o tempo e espaço propiciam que diferentes práticas sejam realizadas e veiculadas através da rede de Internet.

Repletas de imagens e vídeos, as páginas das ocupações revelam narrativas verbais e não-verbais que exprimem desejos, repulsas, angústias, sentimentos que indicam os anseios dos ocupantes.

Figura 2- Cartaz fotografado sobre a reivindicação dos ocupantes



Fonte:

<https://www.facebook.com/pg/OcupaCairu/photos/?tab=album&album_id=628893947257899> Acesso em 03 mai 2018

O cartaz trazendo as demandas pontuadas das reivindicações dos estudantes permaneceu presente durante o período das ocupações, e uma fotografia foi publicada na página da escola para mostrar a todos o porquê de estarem ocupando aquele espaço. Utilizando artefatos rotineiros como canetas hidrográficas e cartolina, eles expõem na escadaria de entrada da escola o cartaz. Para eles, é importante trazer essa pauta exposta no plano físico da mesma maneira, através de sua fotografia, no plano virtual, para mostrar que as reivindicações são temas que quando qualquer pessoa que ingresse naquele espaço deve observar.

O espaço escolar no qual eles reverberam suas ações está relacionado a uma busca por experiências democráticas que o incluem como lugar comum onde se dão suas práticas. O respeito ao posicionamento do próximo, representações coletivas e experiências sociais são fatores que estavam em constante debate no espaço físico e virtual.

a conexão entre a mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional tornou-se possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 56)

A escola, espaço em que muitos de nós estivemos presentes, onde partilhamos hábitos e costumes por um bom período de nossas vidas, tornou-se local de ação e participação embalado por uma autogestão onde novas maneiras de fazer política se fizeram presentes durante e após a ocupação.

Expressando suas indignações e revoltas em forma de protesto, as ações não se mantiveram apenas durante o período de ocupação das escolas. A página continua ativa mas com menos intensidade nas publicações, incluindo demandas que se mantiveram após o término do movimento e desdobramentos que instigam uma luta contínua no espaço escolar.

Outras atividades vêm sendo desenvolvidas na escola, como a criação do Grêmio Estudantil, organização do espaço escolar, discussões semanais sobre temas que englobam o respeito ao outro, aulas específicas para preparação para o Enem, oficinas de grafite, dança entre tantas outras ações que possuem o intuito de fortalecer os vínculos entre toda a comunidade escolar. Chamadas através das redes sociais são feitas e os encontros são estabelecidos no espaço físico da escola. Eles retratam em suas falas - que participar do movimento de ocupação foi muito importante para suas vidas e uma mudança foi sentida em relação à postura dos alunos perante a escola, suas formas de agir e se posicionar diante de situações cotidianas em que esperavam que outras pessoas tomassem decisões.

Trazendo uma combinação de sentimentos, interpretações e ações, as narrativas estabelecidas pelos jovens demonstram uma construção de diferentes discursos que expressam singularidades já que “a narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade” (MALINI, p. 124). Ao mesmo tempo, essas narrativas destoam da comunicação massiva justamente quando expressam suas

singularidades como aponta Malini. É um material que vai sendo produzido e está em constante processo onde

fórmulas prontas para uso, aprendidas como uso correto da gramática, dos códigos de conduta, dos códigos jornalísticos, etc., convivem e são descartadas pelas maneiras de dizer, de escrever, de criar, de estabelecer relações e vínculos, desenvolvidas por cada uma das pessoas ou de coletivos que produzem e se reproduzem na blogosfera, a ponto de compor – junto com as listas de discussão, os fóruns, os wikis, as redes P2P, etc. – um campo de energia cuja força se concentra em produzir curto-circuito no monopólio que a imprensa tem da opinião pública. (Ibid., p. 124)

Dessa forma, a ‘mídia de multidão’ (MALINI, 2013) com seus pequenos relatos, imagens captadas através de celulares, vídeos sem alta definição de imagem, áudios com ruídos de fundo vão sendo produzidos cada vez mais com seus produtos finais exibidos e distribuídos de forma pública e livre para um público cada vez mais amplo.

Considerações finais

Analisando os intercruzamentos que se dão a partir dos cliques nas páginas criadas pelos alunos ocupantes das escolas secundaristas, percebemos que os que ali navegam - estudantes, professores, diretores, pesquisadores, colegas extraclases dos alunos ocupantes, pais de alunos, familiares, e um público em geral que não tinha um determinado laço com os alunos ocupantes - tecem também emaranhados de conexões participando, discutindo, comentando e também visualizando as informações que se imbricavam na rede.

Estes, sujeitos, jovens, ocupantes, de onde ecoam as vozes que se produzem e são ouvidas pelo pesquisador são nada mais do que corpos que ocupam aquele lugar, a escola, as redes, atravessados por subjetividades que lhes conferem cicatrizes profundas e superficiais que vão lhes dizer o que são e onde estão.

Os alunos ocupantes do espaço híbrido engendravam seus laços em comunidades afins onde discutiam-se diversas questões, como os próximos passos da ocupação, demandas por resolução de questões de higiene, limpeza, alimentação,

organização, articulação e alternância de tarefas rotineiras, divulgação, privacidade, diálogo, entre outros. Eles compartilham cultura através de suas criações e produções.

Havia ainda aqueles alunos que não ocupavam o espaço físico mas somente o virtual por questões como permissão dos pais, medo de represálias, questões pessoais que os impediam, necessidade de uma observação afastada do movimento e outros aspectos. Ainda que seu corpo não fosse um material concreto naquele espaço físico da ocupação, eles se faziam presentes no espaço virtual com seus comentários, divulgações, articulação de doações, apoio, reconhecimentos que dão autenticidade aos movimentos que ali aconteciam.

O perfil de alguns professores, direção escolar, pais dos alunos e funcionários da escola, esses que possuem um vínculo mais direto com os alunos ocupantes, também podia ser visto na rede a partir de comentários, curtidas, compartilhamentos, auxílio em algumas demandas, diálogos favoráveis ou não e/ou apenas olhares sobre o que acontecia naqueles espaços.

Essas e outras comunidades se faziam não apenas dentro das comunidades já existentes das ocupações, como também se criavam fora daqueles espaços. Comunidades com fins específicos são criadas na rede. No *MySpace*, *Facebook*, *Twitter*, *Skype*, *Instagram*, *WhatsApp*, entre outras diversas redes sociais, podem ser vistas comunidades que tratam do tema maior ocupação. Seja para desmitificar, encorajar, informar, debater questões, relatar casos, todas essas comunidades que se interligam, vinculam-se às ocupações ocorridas levando aos sujeitos que ali participam um “reconhecimento das identidades dos indivíduos e ao seu subjetivo de que ‘eu pertenço a este grupo específico’” (KOZINETTS, 2014, p. 17).

Com seus dispositivos móveis, os ocupantes registravam imagens, vídeos, realizavam *memes*, publicavam textos e mensagens, trocavam, compartilhavam, expunham, comentavam nas redes. E não apenas os ocupantes, mas todos aqueles que visualizavam, faziam suas considerações, curtiam, compartilhavam e estavam presentes fisicamente nas ocupações faziam parte deste emaranhado de nós que se lançam a partir de fios como uma grande teia que se amarra e se entrecruza.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. São Paulo: Papyrus, 1994.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da Internet. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FILÉ, Valter. **Novas Tecnologias, Antigas Estruturas de produção de desigualdades**. IN FREIRE, Wendel (org.). Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011, p.31-47.

HAMANN, Cristiano et al. Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito de happening. **Diálogo**, Canoas, n. 23, 2013, p. 19–33. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/929>> Acesso em: 15 ago. 2017.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMOS, André. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de territorialização e desterritorialização na Cibercultura. **XV Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**, 2006, Bauru. Anais... Bauru: Compós, 2006.

_____; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. A multiplicidade do Eu no #OcupaEscola. **Blog**, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@fabiomalini/o-ecossistema-s%C3%B3cio-midi%C3%A1tico-do-ocupatudo-cf589a0781af#.yidghb786>> Acesso em: 15 jul. 2017.

_____. Ocupação. **Blog**, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@EAtivismo/ocupa%C3%A7%C3%A3o-3255b14a56a5>> Acesso em: 02 set. 2017

PRETTO, Nelson. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 305-316, 2010.

SHLEMMER, Eliane. Prefácio. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir e compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018

Data de envio: 27 de março de 2018

Data de aceite: 16 de maio de 2018